



Revista
Symposium

A participação da mulher na sociedade: o feminino como crítica civilizatória

Maria Aparecida Craveiro Costa¹

Resumo: O artigo começa por evocar alguns recortes de nossa história social que indicam como vêm sendo produzidas as subjetividades masculina e feminina. Aponta alguns avanços e limites do movimento feminista, indicando que o feminino da igualdade se vem transmutando no feminino da diferença. Esse feminino, que propõe a diferença sem hierarquias, se coloca como possibilidade de mudança civilizatória, delineando a emergência de um novo projeto social comprometido com a expansão da vida e a construção da cidadania.

Palavras-chave: 1. gênero, 2. feminismo, 3. mudança civilizatória.

Abstract: The essay starts by evoking some parts of our social history that indicate how masculine and feminine subjectivities are being produced. It indicates both progress and limitations of the feminist movement showing that egalitarian feminism is changing into the feminism of difference. The latter, which proposes a difference without hierarchies, is a possibility of civilizatory change, outlining the emergence of a new social

project engaged with the expansion of life and the construction of citizenship.

Key words: Gender – feminism – civilizatory change.

Para refletir sobre um feminino emergente que se coloca como crítica civilizatória, idéia proposta por Oliveira (1992), em lugar da definição de sexo, que implica variáveis de ordem eminentemente biológica, utilizarei o conceito de gênero, que indica as influências culturais sobre a subjetividade. Partirei do pressuposto de que ocorre, efetivamente, uma produção social da nossa subjetividade. Assim, nosso comportamento, nosso jeito de ser, de sentir, de nos expressarmos só podem ser compreendidos, de fato, a partir de uma leitura de nossas condições concretas de existência.

Feitas essas considerações, iniciarei, então, por evocar alguns recortes de nossa história social que nos indicam como vêm sendo produzidas as subjetividades feminina e masculina.

Ao longo do tempo, homens e mulheres foram segregados em territórios físicos e psíquicos separados, assimétricos e complementares: ao homem, o espaço público, a luta pela sobrevivência fora do âmbito do lar, a participação ativa nas mudanças sociais e o controle sobre os processos de produção e reprodução; à mulher, o espaço privado, ficando ela, portanto, à margem desses processos, à espera de que o homem se ocupe de sua sobrevivência e da dos filhos.

Para que essa separação fosse mantida, cuidou-se, desde muito cedo, de modelar as crianças nas características consideradas normais para cada sexo: da mulher se espera passividade, dependência, insegurança, docilidade, compaixão, fragilidade, vaidade, beleza e monogamia, ou seja, feminilidade; do homem, que seja agressivo, seguro, independente, frio, forte, auto-suficiente e polígamo - símbolos da masculinidade.

¹ Professora-Assistente do Departamento de Psicologia da UNICAP



O movimento feminista se colocou como desafio e exigência de transgressão dessa ordem que, durante séculos, atribuiu ao masculino o poder de definir o feminino como seu avesso.

Num primeiro momento, a principal bandeira de luta foi a da igualdade entre os sexos e isso, de fato, viabilizou que, em graus diversos, se abrissem às mulheres possibilidades existenciais até então inimagináveis. Outras bandeiras, como “nosso corpo nos pertence”, permitiram visualizar uma sexualidade separada da procriação e a maternidade como opção, e não instinto natural ou vocação feminina. Produziram-se maiores informações e discussões sobre a saúde da mulher nas quais se incluíam questões acerca do prazer e do gozo.

Paralelamente a tudo isso, no momento contemporâneo, começa a se delinear o perfil de um novo homem: pai envolvido na educação e cuidado dos filhos, companheiro solidário que, de fato, divide com a mulher as tarefas domésticas.

Por outro lado, a aceitação, sem tanta culpa, de outros agentes sociais como a babá, a creche e a escolinha, facilitou a entrada da mulher no mercado de trabalho, favorecendo novas e mais ricas aprendizagens, ampliando seu território existencial.

Ao que tudo indica, assistimos à desconstrução de verdades antes tidas como inquestionáveis, homens e mulheres buscando ressignificar papéis, rever práticas, produzir novos códigos. Diferentes agenciamentos parecem indicar a produção de um outro imaginário onde se coloca a esperança de um novo devir feminino e masculino.

No entanto, se a história é dinâmica, se o homem enquanto seu produto e produtor não pode furtar-se às transformações necessárias e, por que não dizer?, inevitáveis, estas não se fazem sem percalços, sem entraves...

Muitas mulheres ultrapassaram as fronteiras do mundo masculino, adotaram estilos de vida masculinos, no entanto a maioria dos homens não

se feminilizou. Desse modo, as mulheres se viram colocadas entre dois mundos, tentando harmonizar estilos de vida e formas de se comunicar radicalmente diferentes. Assim, a utopia da igualdade revelou a impossibilidade de sua concretização, pois, enquanto ao homem se pede apenas que seja ele mesmo - o senhor da razão, o representante da lei -, à mulher se exige: seja você mesma e seja o Outro - tarefa humanamente impossível!

Nesse contexto, reinventar o feminino, produzi-lo cotidianamente é o que se coloca às mulheres neste final de século.

O feminino da igualdade se transmuta no feminino da diferença. Diferença sem hierarquias, sem ambigüidades; diferença que se coloca como resgate de uma identidade, como recusa em aceitar um estereótipo cultural que coloca a razão feminina como irracional e a sensibilidade feminina como sentimentalóide.

Não se trata de retorno ao passado, mas, de um agenciamento do futuro vez que esse feminino emergente se coloca como crítica civilizatória: dizer “não” a um mundo fundado em valores essencialmente falocráticos - individualismo, competição, agressividade; recusar a razão como único elemento para a leitura e compreensão do mundo; rever o lugar do trabalho no cotidiano de homens e mulheres; desconstruir conceitos, inventar nova linguagem que se traduza em uma nova prática na esfera da política, da ciência e da arte; negar a serialização das subjetividades, afirmando a necessária diferença entre as pessoas; articular, de maneira criativa e original, o público e o privado, o íntimo e o político.

Ganhar voz social foi a grande conquista feminina no século XX. Para Oliveira (1992 : 145), o século XXI se abre para uma nova esperança: “a de que essa voz feminina não seja apenas um eco absurdo de um mundo absurdo. Espera-se das mulheres um impacto sócio-cultural revolucionário. Uma inventividade em todas as áreas da existência, na relação entre as pessoas, nas faces múltiplas do amor, na organização social e, especifica-

mente, na organização do trabalho em que homens e mulheres ganham e perdem a vida, nas decisões políticas de maior envergadura em que se decide a paz e a sobrevivência do planeta.”

O feminismo não se pode reduzir a uma mera adesão ao mundo masculino. É preciso ousar, inventar novas falas, novos gestos que impeçam a volta de velhas estruturas.

Assim, feminilizar o mundo significa delinear um novo projeto social, construído a partir de uma nova sensibilidade e do compromisso com a expansão da vida e a construção da cidadania.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

OLIVEIRA, Rosiska Darcy de - **Elogio da Diferença: o feminino emergente**. São Paulo : Brasiliense, 1992. 150p.

